

.....

Texto de Fayga Ostrower, aula de encerramento do curso de composição e análise crítica, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1959.

Foi mantida a grafia original

Arte e Espectador

Para encerrar o nosso curso quero falar hoje sobre um tema que interesse a todos, artistas e não-artistas. É o grande problema das relações da arte e o espectador. A obra de arte, uma vez criada, passa a viver uma vida autônoma, desligando-se do artista como uma criança que caminha para seu destino próprio, particular. E nós, seres vivos, ao encontrá-la, participamos deste seu destino, ou melhor, o moldamos e impulsionamos. O ato de contemplar não significa receptividade passiva, é antes altamente dinâmico. Para cada espectador que a recria para si mesmo em inúmeros e renovados instantes, a obra de arte se revela numa constante reencarnação, em vida que indefinidamente renasce.

Ao encarar o problema da participação ativa do espectador não podemos deixar de pensar imediatamente na situação existente em nosso século, i. e., no grande abismo entre a arte e o público. No entanto a opinião de Dürer de que “a pintura só poderia ser julgada por pintores, por bons pintores, pois para os outros permaneceria sempre uma linguagem estranha”, leva-nos a crer que mensagem artística talvez nunca tenha chegado ao alcance das grandes massas e que em todos os tempos ficou restrita a uma minoria. É claro que não quero nem poderia defender esse estado de coisas como ideal – apenas constato a realidade histórica sem saudosismos falsos e sentimentais.

Se é verdade que a arte, apesar de seu caráter universal e essencial, raramente se comunicou a todos, também é verdade que nunca o problema existiu tão agudo e extenso quanto em nossos tempos. Despojada de outras funções – mágicas, hierárquicas, representativas, políticas, didáticas – surge à arte em sua essência mais pura como um valor espiritual, intrínseco e vital da vida humana. Por outro lado aparece ela agora como mercadoria para um público que a recusa. Triste situação para o artista criador, e trágica, sem dúvida, para o público que, não só abre mão de forças que poderiam enriquecer e vitalizar sua existência mais ainda se sente completamente perdido e frustrado diante de obras que lhe são apresentadas como “a arte de nosso século”.

Naturalmente seria tolice falar em culpa do público. Mas, qual será a razão por que a arte nada significa mesmo para aqueles que cursam escolas, compram livros e talvez até gostem de coisas belas? Posto que o que o homem tem a contrapor a existência animal é o seu sobreviver espiritual e simbólico expresso em termos de cultura, que aspectos apresentam hoje nossos preceitos culturais? Tanto as escolas quanto a maioria dos livros oferecem formulas que garantem a posse da arte como se fosse um objeto, teremos então uma arte arrumada em umas tantas gavetinhas todas facilmente identificáveis pelos seus rótulos uma vez diferenciados os nomes dos artistas, e das épocas (de permeio com algumas anedotas biográficas) e decorados alguns julgamentos emitidos em livros.

Não quero desfazer da pesquisa intelectual no campo da arte. O fato de saber nomes e datas ajuda a colocar alguns problemas artísticos dentro de um contexto maior; nem de longe, porém, nos leva a “compreender a arte”.

Infinitamente mais importante do que datas e nomes é a vida formal da obra de arte. Ela se refere diretamente a nossa vida, à consciência de cada espectador que a recebe só e sempre só. Dirige-se ao mais profundo do nosso ser. E, justamente por nos revelar estados de consciência, definindo-os formalmente dentro de um contexto único, a arte não expressa pensamentos traduzíveis em linguagem discursiva. Estando o conteúdo indissolúvelmente integrado em sua forma, não permite paráfrase ou transposição para outro contexto ou meio de comunicação. O que a música de um Bach, a pintura de um Rembrandt ou uma catedral gótica têm a comunicar só pode ser recebido pela percepção direta, individual, explícita por si mesma. E é por isso que é tão difícil falar sobre arte: tentar explicar formas auto-suficientes seja em pintura, música, escultura, arquitetura ou mesmo em poesia onde o elemento básico é a própria palavra.

O problema se complica porque, não ocorrendo o processo de apreensão unicamente nas regiões do intelecto, mas também nas partes emotivas, envolve forçosamente julgamentos de valor. Não há arte que não qualifique, mesmo nos períodos artísticos em que o artista parece se furtar a qualquer atitude subjetiva.

Nunca é demais insistir: a arte trata de valores e não de informações. Assim se explica porque a arte deve ser criada pela totalidade do homem, dirigindo-se por sua vez à totalidade do homem, composta simultaneamente pelo seu intelecto e sua emoção. Nenhum julgamento poderá existir no vácuo. Sempre se relacionará e dependerá de situações definidas, limitadas, únicas que jamais comportam uma repetição mecânica.

Tal fato nos fornecerá uma base sólida para julgar a influência profunda e decisiva exercida por cada época sobre as obras de arte nela produzidas e posteriormente por ela condicionadas. Cada fase cultural cria o seu estilo. A linguagem artística sempre ocorre em formas diferentes por surgir de situações sempre novas que impõem um reajustamento ao homem tanto pela novidade dos problemas apresentados pela valorização de problemas antigos vistos sob uma luz diversa. Aí tem origem a qualidade temporal da arte, sua expressividade histórica; enquanto a substância contínua que confere à arte seu caráter “eterno” provém dos problemas fundamentais da vida humana: nascimento e morte, amor e ódio, alegria e tristeza, desespero e esperança.

A obra de arte, portanto, sempre nos permite ganhar consciência de uma relação viva entre o homem e o seu mundo, relação essa variável conforme as épocas. É impossível manter certos períodos históricos como alvo eterno, imutável no tempo. Impossível ver no gótico apenas tentativas frustradas para atingir soluções renascentistas; ou fixar no Renascimento a medida de todos os estilos posteriores: Barroco, Realismo, Impressionismo ou Arte Moderna.

Se existe algum axioma inalterável em arte, este só pode ser fundado nas possibilidades da própria matéria artística, na seqüência espacial para as artes plásticas, ou na seqüência temporal para a música. Dentro desta ordem, todavia, cada época fala-nos de modo novo, encontra formas diferentes onde moldar a experiência vivida. Assim no artista que tenta articular o espírito de sua época não devemos ver um adivinho que emite presságios sobre algum vago futuro, e sim, o homem que tenta penetrar a fundo na essência de sua própria vida, ganhando consciência ao fazê-lo. E é dessa consciência que participa o espectador, segundo as situações particulares em que se encontra. Assim, para o homem pré-histórico, contemplar a obra artística significava uma participação direta que se confundia com a própria ação mágica. Os desenhos pré-históricos nos mostram o animal como portador do ritmo vital, enfeixando num total a vida orgânica e incluindo o homem e o seu espaço vivido numa configuração espacial que não permitia barreiras entre eles.

Já na arte grega é o homem e não o animal a motivação da obra: é o homem como figura concreta, física, a medida de todas as forças da natureza em uma idealização constante de suas possibilidades físicas e espirituais. Si já existem barreiras entre a obra e o espectador – não sendo mais a arte uma extensão direta da vida física – não são tais barreiras intransponíveis como as que se encontram na arte medieval. Ainda a estrutura espacial contorna e une os dois, espectador e obra de arte. Talvez aí possamos falar de uma arte para o povo, pois a arte representava uma necessidade orgânica dentro da estrutura social. Naturalmente seria difícil isolar o elemento social do puramente estético e julgar até que ponto esse último tivesse sido reconhecido e considerado essencial em si. A arte gótica se dirige ao espectador de modo inteiramente diferente: certamente não se sentindo estético e sim como veículo didático para transmitir certos valores espirituais. Os artistas a fim de testemunhar convincentemente sua atitude espiritual, abandonando pouco a pouco estruturas tradicionais, tiveram que incursionar em territórios formais absolutamente novos. O espectador participava em primeira, da forma como meio de expressão.

Só a partir do Renascimento, quando começa a se revelar a concepção do belo estético, que a própria forma surge como visão essencial à humanidade, desligada de qualquer finalidade prática imediata: a arte pela arte tem aí a sua origem. Entretanto é também aí que se inicia esse afastamento entre a obra e o público que em nossa época chegou a dimensões tão trágicas.

Nossa arte moderna, como nós o sabemos, a obra de arte inclui o seu espectador, não como um ser completo, equivalente, confrontando-se com outro ser completo, (a obra em questão) mas exigindo do espectador a sua integração como parcela e elemento completivo de sua existência pictórica.

E com isto voltamos ao nosso problema inicial, i.e., ao da participação ativa do espectador, participação para a qual o espectador contemporâneo não está em absoluto preparado. Como enfrentar tal problema? Estará em nosso poder modificar tal situação? Creio firmemente que cada um de nós poderá fazer alguma coisa, que, por pouco que seja, influenciará a nossa vida e a vida dos outros. Eu desejaria fazer duas sugestões:

A primeira, por mais banal que soe, é que cada um de nós aspire a viver plenamente, procurando desenvolver todas as capacidades intelectuais, emotivas e espirituais. Procuremos recapturar a frescura, a plenitude de quando se sente o primeiro amor, quando tudo na vida nos atinge em cheio, nos fere, nos dá prazeres e tristezas diretas, sem acolchoamentos intermediários. Com isto não quero proclamar um novo romantismo, uma nova sensibilidade à flor da pele, mas simplesmente uma libertação de nossa capacidade espiritual que está sendo sufocada nesta época mecânica, e indiferente aos valores humanos. Quanto mais complexos e profundos nós formos, tanto mais reflexos encontraremos na arte: mais riqueza terá ela a nos oferecer, nunca se esgotará pois crescerá conosco e nós com ela.

A segunda sugestão seria procurar comunicar a beleza e a dignidade da arte a todos os que se deixem influenciar. Não é necessário saber explicar tudo – o que importa é a própria convicção. Transmitir esta convicção para que os outros também sintam que algo de grandioso e de infinitamente consolador existe na arte. Creiam que com amor à arte construirão uma vida imensamente rica.

Nenhuma época mais do que a nossa precisou tanto de verdadeiros amantes da arte, quando os valores espirituais servem de troco para inúmeras moedas falsas que por aí circulam. Tanto é uma questão de sensibilidade quanto de liberdade de consciência: e é na maturidade interior que a arte se dá toda.